

ESPAÇO ESCOLAR

ENSINO MÉDIO: OLHARES DA JUVENTUDE SOBRE A ESCOLA

Data de aceite: 01/09/2023

Érica Gonçalves de Matos

Graduada em Geografia (Universidade Estadual do Ceará - UECE); Pós-Mestra em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (MAIE/UECE). Professora de Educação Básica no município de Russas/CE e Aracati/CE.

Angélica Conceição Gonçalves Matos

Graduada em História (Universidade Estadual do Ceará – UECE); Pós-Graduada em Juventude no Mundo Contemporâneo (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE).

INTRODUÇÃO

Refletir sobre juventude e Ensino Médio é um caminho importante para elaborar ações direcionadas a jovens que estão nas salas de aula e nas escolas, pois reconhecer especificidades de jovens estudantes pode ajudar na construção de propostas educativas pautadas com demandas e necessidades desses sujeitos. No contexto em que vivemos, é preciso considerar a influência da vida desses jovens que pulsa fora da escola dentro dos

espaços escolares. De acordo com Dayrell (2007, p. 1120, grifos do autor), “A escola é invadida pela vida juvenil, com seus *looks*, pelas *grifes*, pelo comércio de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço também para os amores, as amizades, gostos e distinções de todo tipo”.

Em um contexto em que a escola não é a mesma do passado, é fundamental que as discussões dos jovens em relação ao mundo que os cerca tenham espaço na escola e se constituam como elemento da proposta pedagógica que busque fortalecer a participação do jovem, construindo conhecimentos capazes de proporcionar aos estudantes diversas formas de compreensão do mundo e, ao mesmo tempo, possibilitando escolhas em relação aos trajetos que desejam seguir.

Por inúmeras razões, o ensino médio, no Brasil, sempre se configurou como um espaço de grandes desafios, pois ele oscilou entre alternativas básicas como: oferecer um ensino profissionalizante ou oferecer um ensino voltado à continuidade dos estudos em nível superior. No entanto,

a proposta de uma escola de ensino médio que oferecesse continuidade ao ensino fundamental ligada a uma cultura de pensamento geral voltada à compreensão do mundo atual tornou-se majoritária em função da preservação de especializações técnicas para atender demandas de uma clientela que, em um número significativo, já era de trabalhadores e que tinham menores chances de alcançar o ensino superior.

De acordo com o Censo Escolar do Ministério da Educação, no ano de 2001, aproximadamente 8,4 milhões de alunos estavam matriculados no ensino médio. Esse quantitativo dobrou em relação ao número de alunos matriculados no início da década de 90. Tal fato se deu, por um lado, pela progressiva ampliação de concluintes do ensino fundamental e, por outro, pela dinâmica de um mercado de trabalho exigente e limitado quanto às credenciais educacionais requeridas.

É importante destacar que, apesar do crescimento observado em um período recente, o Brasil está distante de universalizar esse nível de ensino, pois o ensino médio não pode ser pensado como uma etapa de especialização ou seleção. Seu objetivo deve ser voltado à integração, criando sentido em si mesmo como espaço de vivência entre jovens. Diante disso, é possível edificar uma escola que integre a cultura própria da juventude, considerando o espaço de encontros, trocas, socializações, um ambiente rico no ouvir e conhecer os sujeitos que integram a escola.

Tenti Fanfani (2000), em um dos trabalhos sobre Culturas Juvenis, questiona o que a escola oferece para os jovens, levando em consideração suas necessidades, condições de vida e mudanças que caracterizam a educação:

A escolarização, por um lado “cria juventude”, ou seja, contribui muito para a construção destes novos sujeitos sociais. Mas por outro lado, a massificação produz uma série de transformações nas instituições escolares. A velha escola secundária reservada às elites deve, hoje, responder à demanda de novos contingentes de postulantes. E por força das circunstâncias não pode acarretar consequências de qualidade. As instituições, como sistemas de regras e recursos que estruturam as práticas sociais e educativas, mudam de forma e significado. Os velhos dispositivos que regulavam a relação professor-aluno, a relação com conhecimento, que garantiam a autoridade pedagógica e produziam uma ordem institucional, se corroem quando não saltam pelos ares e deixam de ser eficientes e significativas na vida dos atores envolvidos (TENTI FANFANI, 2000, p. 1).

Diante dos autores envolvidos nos espaços escolares, é preciso pensar em mudanças que possibilitem significados às reais necessidades dos jovens. Mas, como pensar em uma escola que atenda às demandas dos sujeitos jovens? Tenti Fanfani (2000) apresenta características que, em princípio, são necessárias:

- a. uma instituição aberta, que valoriza os interesses, conhecimentos e expectativas dos jovens;
- b. uma escola que favoreça o desenvolvimento de liderança entre os jovens e onde seus direitos sejam respeitados em práticas e não somente enunciados em programas e conteúdos;

- c. uma instituição que se proponha a motivar, mobilizar e desenvolver conhecimentos que partam da vida dos jovens;
- d. uma instituição que demonstre interesse pelos jovens como pessoa e não somente como objetos de aprendizagem;
- e. uma instituição flexível, com novos modelos de avaliação, sistemas de convivência e que leve em conta a diversidade da condição de ser jovem;
- f. uma instituição que forme pessoas e cidadãos;
- g. uma instituição que atenda às dimensões do desenvolvimento humano e, na qual, jovens possam aprender sobre felicidade, ética e identidade;
- h. uma instituição que acompanha e facilita um projeto de vida;
- i. uma instituição que desenvolva o sentido de pertencer, e que os jovens sintam-se identificados;

Nessa dinâmica que envolve escola e sujeitos jovens, é importante compreender que uma escola, para os jovens, deverá ser uma escola dos jovens, um espaço em que esses estudantes não sejam somente um quantitativo que preenche os espaços escolares, e sim pessoas ativas e detentoras de seus direitos e deveres.

Partindo desse contexto, algumas perguntas surgem: Como o jovem vê a escola? Qual a importância da escola para o jovem? Quais as necessidades dos jovens no cotidiano escolar? Considerando esses questionamentos, no intuito de conhecer as principais demandas dos sujeitos jovens no ensino médio, foi realizada uma pesquisa com alguns estudantes.

O presente trabalho foi desenvolvido com três estudantes de ensino médio de uma escola pública do município de Russas/CE. Após autorização do núcleo gestor e dos responsáveis pelos estudantes, foram realizadas entrevistas, agendadas previamente, nas dependências da escola. A coordenação pedagógica comunicou aos alunos em sala de aula e os interessados marcaram um horário para participar.

Cabe destacar que o fato de trabalhar com os sujeitos jovens se dá pela experiência profissional que tenho com esses estudantes, pois são seres que sofrem, amam, possuem desejos e imaginam melhores condições de vida. Lidar com o jovem diariamente é uma aprendizagem fundamental em meu cotidiano. A referida pesquisa pode ser denominada como sendo de abordagem qualitativa, pois tem como objetivo o ser humano explorando a modalidade de entrevista com questionamentos básicos. Segundo Gatti e André (2010, p. 30-31), esse tipo de pesquisa se constitui:

[...] em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais. Essa modalidade de pesquisa veio com a proposição de ruptura do círculo protetor que separa pesquisado e pesquisador, separação que era garantida por um método rígido e pela clara definição de um objeto, condição em que o pesquisador assume a posição de 'cientista', daquele que sabe, e os pesquisados se tornam dados – por seus

comportamentos, suas respostas, falas, discursos, narrativas etc.

Dessa maneira, a pesquisa qualitativa permite uma maior compreensão dos processos escolares, sendo que, para compreender um pouco o que pensa o jovem sobre a escola, elaborou-se um roteiro de entrevista em que as questões que nortearam a entrevista dos estudantes foram: Como você vê a escola? Para você, que atitude desenvolve um bom professor? Quais metodologias são necessárias para uma boa aula? O que você sugere para as aulas no ensino médio?

Ao introduzir a entrevista, o projeto de pesquisa foi esclarecido aos participantes a partir da exposição do tema, justificativa, objetivos e prováveis resultados.

DISCUSSÕES

O espaço escolar tem sido um importante lugar para o desenvolvimento de estudos e pesquisas para e com a juventude, pois conhecer esses espaços implica identificar o seu papel na produção do conhecimento e nas relações sociais que ocorrem entre os diversos membros da comunidade escolar, fortalecendo o entendimento de que os jovens não apenas são sujeitos de direitos, e sim atores de novos direitos e realidades.

Atualmente, esses sujeitos se encontram em um momento de construção de identidades, visam autonomia, buscam provar o novo e, nessa dinâmica, é inserida por alguns a incorporação no mundo da violência, tráfico de drogas, além de apresentar decepção com a família e sociedade pela falta de compreensão e respeito aos seus estilos, forma de pensar e agir.

A juventude, para muitos, continua sendo pensada como uma etapa de construção para o futuro. No entanto, para os jovens, o mundo é concretizado no hoje, o que não implica abolir a busca por trajetórias futuras, pois é na escola que existem diferentes sujeitos com suas várias culturas e leituras de mundo com possibilidades de diálogos e também de conflitos. Para Moreira e Candau (2003, p. 161), “[...] a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças”.

O jovem, na escola, é despedido da condição social de ser jovem e assume a condição de aluno com imposição normativa do sistema de ensino, perdendo de vista as buscas, a diversidade, os parâmetros de comportamento que edificam esses sujeitos. Dessa maneira, a cultura juvenil é desconsiderada pela escola, fundamentando-se, muitas vezes, em um sistema de regras e normas que pode ser autoritário, podendo gerar conflitos e tensões entre os sujeitos que convivem nesses espaços.

ANÁLISE DOS DADOS

Para desenvolver essa reflexão, buscando compreender um pouco mais a realidade que envolve juventude e escola, optei por trabalhar com três jovens que serão os fios condutores da análise. Seguem abaixo as informações sobre suas características:

Nome fictício	Idade	Turma
Pedro	15 anos	1º ano
Carla	16 anos	2º ano
Marta	17 anos	3º ano

Tabela 1: Dados com as características dos participantes

Fonte: elaborada pelas autoras.

Os dados da tabela indicam que os jovens estão na fase de ensino de acordo com a orientação para a última etapa da educação básica. É relevante destacar que, entre as incumbências prescritas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) aos Estados e Distrito Federal, está a de assegurar o Ensino Fundamental e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio a todos que o demandarem.

Quando questionado sobre como via a escola, Pedro afirmou que:

Vejo a escola como um caos, até o 9º ano a sala de aula tinha poucos alunos, a escola era pequena e ficava perto de minha casa, a coisa era diferente e agora as salas são lotadas, outro pro é que diariamente tenho que acordar cedo, pegar ônibus e assistir cinco aulas, isso é terrível, preferia trabalhar, ganhar dinheiro e comprar o que quiser, minha mãe todo dia fala que tenho que estudar para ser alguém na vida (Pedro, 15 anos, estudante do 1º ano EM).

Essa transição citada pelo estudante implica projetar-se para um futuro, um ponto importante para a edificação da identidade individual e coletiva desses jovens. Um outro destaque é que as formas e os tempos de transição entre jovens do sexo feminino e masculino, do meio rural, do meio urbano, que moram em bairros periféricos, entre outros não ocorrem de forma linear. Quando se fala de planos de futuro e projetos, é importante observar a diversidade de cada sujeito dentro da sociedade, seus multipertencimentos, as inúmeras maneiras de como os indivíduos vão se construindo.

No caminhar do questionamento, Marta destaca que:

A escola é um espaço que me faz bem, ela é uma casa de possibilidades de um futuro melhor, é como uma estrada que vamos caminhando até chegar a um destino, acredito que a escola vai ajudar a conquistar meus sonhos, ter um bom trabalho, ter uma casa melhor, ajudar minha mãe para que ela deixe de ser humilhada, ajudar meus irmãos, e ao mesmo tempo vejo a escola como um lugar que me ajuda a enxergar o lado justo e perverso da sociedade (Marta, 17 anos, estudante do 3º ano EM).

O Ensino Médio representa uma etapa de formação intelectual e formação humana. Ao mesmo tempo, caminha com um momento próprio da juventude e, nessa condição, os projetos de vida assumem um espaço importante como as possibilidades de mudar seus destinos pessoais, superar discriminação, violência. Weller (2014, p. 141) destaca que:

A convivência no espaço escolar, os componentes curriculares com todos os seus limites, as atividades que extrapolam o contexto das aulas, assim como as relações estabelecidas com os profissionais de educação, são elementos constitutivos para a construção de projetos de vida. Não existem receitas prontas para a atuação da escola junto aos jovens para a construção de projetos de longo prazo. Mas um olhar mais atento às biografias desses jovens e às demandas que são trazidas para a escola permitirá que cada instituição de ensino possa incluir ações que contribuam no sentido de ampliar as possibilidades, não só de construção mas também de viabilização de projetos de vida.

O relato de Carla, quando questionada sobre que atitude desenvolve um bom professor, exhibe o quanto são importantes os elementos e as relações entre os sujeitos envolvidos na escola:

Eu via a escola como algo sem graça, com professores que se quer dar um bom dia ou olha para você, não despertava interesse, depois com algumas falas de uma professora comecei a pensar diferente, achava que pelo fato de morar na zona rural, ia acabar meus estudos e continuar vivendo lá sem rumo, ela me fez acreditar que posso ir além, vejo que ela tem um pensamento que respeita nossas opiniões e o mais bacana é que ela incentiva a gente a não desistir de nossos sonhos, ela é diferente por que não dá só o conteúdo e nem só passa atividade ou só valoriza os alunos que tiram nota boa, ela valoriza e incentiva todos, ao cumprimentar a gente no pátio ou quando estamos chegando na escola sempre pergunta como estamos, isso é bom e me faz pensar que posso ir longe com vontade e determinação, considero essa professora show (Carla, 16 anos, estudante do 2º ano EM).

A atuação dessa professora, descrita pela jovem, destaca uma profissional envolvida e comprometida não somente ao ensino da disciplina, uma vez que auxilia os alunos a não desistir de seus ideais.

Para Pedro, um bom professor deve dar bem o conteúdo, respeitar os alunos, não comparar e muito menos gostar somente dos que são comportados. Segundo Canário (1998, p. 21), “A relação com os alunos impregna a totalidade do acto educativo, não pode ser ensinada, mas apenas aprendida, e engloba de modo inextrincável as dimensões intelectuais e afetiva”. O autor destaca que a qualidade de escuta caracteriza um bom professor. Mesmo sabendo que são inúmeras as visões pessimistas sobre os jovens, é fundamental acreditar nas mudanças e, para isso, é necessário investir em formações de profissionais voltadas não somente ao domínio do conteúdo, mas na formação enquanto sujeitos em processo de construção de identidades e autonomia.

Os jovens entrevistados também descreveram metodologias necessárias para uma boa aula. De modo geral, foi dito que as metodologias que melhor contribuem para a aprendizagem são as que possibilitam o diálogo e a interação. A estudante Marta esclareceu que:

Gosto das aulas que envolve a roda de conversa, o professor começa a fazer perguntas e vamos nos envolvendo, alguns concordam, outros não, e assim a aula fica produtiva, acho interessante também os trabalhos em grupo, produção de paródias, é interessante pois tenho colegas que dificilmente falam e quando tem aula assim fico surpresa com eles é bem mais interessante do que só ouvir o professor ou fazer atividade.

Sobre essa situação, Tenti Fanfani (2000) destaca que o adolescente busca um espaço para expressar seus pensamentos, expor suas ideias e valoriza a instituição que considera seus interesses, expectativas e conhecimentos. Uma boa aula, segundo Carla, é quando o professor não utiliza somente o livro e a lousa, mas sim diversos recursos, como músicas, documentários e imagens, pois isso ajuda na aprendizagem.

Diante dos relatos, é importante destacar que o Ensino Médio é uma etapa de formação que vai além do intelectual-cognitivo, pois ele também é um momento de construção de identidades e pertencimentos, além de ser um percurso de rupturas e reconstrução. Os jovens não estão apenas aprendendo Física, Português, Química entre outras disciplinas, pois, na verdade, é também uma etapa de questionamentos e de busca de sentido para suas futuras escolhas.

Atrelada à espera por aulas mais dinâmicas, os jovens entrevistados também fizeram sugestões que julgam ser importantes para as aulas do Ensino Médio: aulas bem planejadas, mais disciplina e respeito durante as aulas, acompanhamento individual dos alunos, pois, segundo Pedro, “Uma das dificuldades é entender algumas disciplinas como Física e Química. Quando a conversa rola, a situação só complica. Se eu tivesse um reforço, acredito que poderia aprender mais”. Outros pontos citados foram a valorização e respeito de gostos, estilos e a boa relação entre professor e alunos. De acordo com Carla:

Existem professores e colegas que olham indiferentes para alunos que usam pince ou que são tatuados, ou que pintam seus cabelos de azul [...] . Vejo que isso não poderia existir e a sala de aula deveria ser um espaço de respeito a todos sem apontar ou julgar os alunos pelos seus estilos e gostos. Outra coisa é a relação entre professores e alunos, não acho legal certas discussões entre professor e aluno e nem aluno com aluno, vejo que cada um deve respeitar o espaço do outro sem conflitos.

O estilo e visual próprios dos jovens trazem uma forma singular de pensamentos e estilos que geralmente não se alinham aos pensamentos dos professores e muito menos à cultura escolar estabelecida, pautada na disciplina e no cumprimento de regras. Nesse sentido, percebe-se, atualmente, o distanciamento da escola em relação ao jovem aluno, pois as transformações ocorridas na sociedade colocam em evidência os novos modos de vida, especialmente para os jovens.

Para Libâneo (2006, p. 37), “A escola é um espaço de síntese, ou seja, ela é o lugar de síntese entre a cultura experienciada e vivenciada pelos alunos nas mídias, na cidade, na rua, no cotidiano da cultura, e a cultura formal”. Sendo assim, os jovens estudantes cobram o reconhecimento de suas condições de sujeitos com suas vivências e experiências pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica entre juventude e Ensino Médio tem se mostrado cada vez mais heterogênea, pois os jovens se apresentam dentro e fora da escola quanto aos hábitos, gostos e representações, sendo um desafio constatar e possuir um olhar e métodos que dialoguem com as necessidades que se apresentam. O sistema normativo de ensino carece de uma ampliação que coloque os jovens e seus projetos de vida dentro do processo de ensino/aprendizagem, não somente no cumprimento da base curricular, mas na construção de espaço de metodologias que possibilitem o protagonismo e as insiram como parte fundante do presente e do futuro das juventudes.

A escola possui um papel fundamental para que os jovens pensem e repensem seus projetos, desenvolvendo discussões sobre a multiplicidade de caminhos ofertados pelo mundo, levando sempre em consideração as individualidades e contextos culturais, econômicos e sociais.

Os olhares das juventudes são repletos de vida, sonhos e anseios. Os jovens desejam serem atravessados por outros olhares que compreendam a direção que eles e elas apontam. Muitos buscam na escola esse olhar que acolha, que sonhe junto e que construa as possibilidades de realizações de projetos. Só é necessário perceber que, juntas, a singularidade e a pluralidade transformam.

REFERÊNCIAS

- CANÁRIO, Rui. A escola: o lugar onde os professores aprendem. *In: Psicologia da Educação*. São Paulo, n. 6, jun., 1998, p. 9-27.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n.100-Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. *In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LIBÂNEO, J. C. Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores? *Educativa*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 25-46, jan/jun, 2006.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminho. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, 2003, p. 156-168.
- TENTI FANFANI, Emilio. **Culturas jovens e cultura escolar**. Documento apresentado no seminário “Escola Jovem: um novo olhar sobre o ensino médio”. Ministério da Educação: Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EmilioTentiF.pdf> . Acesso em: 08 ago. 2022.
- WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. *In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.